



Entre temporalidades agenciadas e performances de emoções: Análise das narrativas jornalísticas sobre células mesenquimais e terapia celular

Palavras-Chave: [Terapia-Celular], [Divulgação científica], [Sangue menstrual]

Autores/as:

Brunno Souza Toledo Pereira [IFCH]

Prof.^a Dr.^a Daniela Tonelli Manica (orientador/a) [LabJor]

Introdução

Esta apresentação se refere a pesquisa “Entre temporalidades agenciadas e performances de emoções: Análise das narrativas jornalísticas sobre células mesenquimais e terapia celular” (PIBIC/SAE 2020-21) e dá sequência à pesquisa de iniciação científica chamada “**Divulgação científica e terapia celular: um enfoque sobre as narrativas sobre células mesenquimais e sangue menstrual**”, realizada através do financiamento do PIBIC/SAE 2019/2020. Começo esse novo percurso na tentativa de me aprofundar nos materiais levantados no ano passado.

Em meu último trabalho construí um banco de dados em que agrupei uma série de artigos, dissertações, teses e reportagens sobre a divulgação científica de pesquisas com células tronco no Brasil. Meu enfoque principal nesse levantamento foram a Revista Fapesp, Revista Faperj, Revista Minas Faz Ciência, Scielo e o Banco de Teses e Dissertações Capes. Minhas pesquisas nessas plataformas foram guiadas por descritores como “Divulgação Científica Células Tronco”; “Divulgação Científica Sangue Menstrual”; “Divulgação Científica Terapia Celular”; “Divulgação Científica Medicina Regenerativa”, sendo que quando era possível realizar um refinamento de algum tipo - como área do conhecimento, período de publicação - esses filtros eram utilizados. O período de publicação de todos os materiais levantados foi de 2007 a 2019. Além disso, também realizei a leitura dos livros “Células-Tronco: Promessas e Realidades” da pesquisadora Lygia da Veiga Pereira e “Células-tronco: o que são? Para que servem?” dos pesquisadores Stevens Rehen e Bruna Paulsen.

Ainda nessa etapa anterior da pesquisa realizei uma primeira análise dos materiais, com foco nas teses e dissertações presentes na plataforma da Capes e dos dois livros citados acima. Essa análise se dividiu em quatro pontos principais: 1) A figura do/da cientista. 2) A percepção do público leigo e o papel da mídia na construção de expectativas, realidades e performatividade. 3) As disputas discursivas a respeito das células-tronco. 4) Ausência de pesquisas e divulgação sobre as células do sangue menstrual.

Já nessa segunda etapa da pesquisa, analisei primeiro as revistas específicas de divulgação científica, para depois olhar para as reportagens e matérias de jornais da mídia tradicional. Trabalhei, principalmente, com as revistas Fapesp e Faperj, tendo os seguintes focos de análise: quais são as pesquisas divulgadas; onde são feitas; como elas estão sendo faladas; quais especialistas são

chamados para comentar; qual a composição deles em termos de gênero e raça; que metáforas são mobilizadas para traduzir as células; como as mesenquimais são apresentadas em comparação com as demais células-tronco; de onde vêm as matérias primas para as pesquisas e como os cientistas justificam a importância da pesquisa.

No período final de minha antiga pesquisa e início desta nova estava bastante empenhado em reler os livros de divulgação científica escritos pelas pesquisadoras Lygia da Veiga Pereira (2013) e Bruna Paulsen e Stevens Rehen (2007). Junto com minha orientadora, Daniela Manica (Labjor - UNICAMP), fizemos entrevistas online com esses autores sobre as pesquisas com células-tronco, suas estratégias de divulgá-las ao público leigo, e a presença/ausência das células do sangue menstrual nessas narrativas. Com os resultados dessa análise, publicamos o artigo “Células-tronco adultas, potências condicionadas e biotecnologias de transformação” (Manica e Pereira, 2021)

Objetivos

Objetiva-se, a partir do banco de dados criado para agrupar todas as pesquisas e reportagens sobre divulgação científica e terapia celular, realizar uma análise qualitativa desses materiais, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa **“Corpo, gênero e tecnociências: as células-tronco” do sangue menstrual** (Fapesp - (18/21651-3) desenvolvida no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (UNICAMP), e coordenada pela pesquisadora e Profa. Dra. Daniela Tonelli Manica.

No escopo dessa pesquisa, o presente projeto visa atender a um de seus objetivos: verificar como é apresentada a temática de células-tronco e sangue menstrual no Brasil nas revistas Fapesp e Faperj. Pretendemos compreender como são construídas as narrativas a respeito das células tronco mesenquimais, quais são os atores participantes dessas narrativas, como são mobilizadas as emoções e imaginários dentro dessa produção de narrativas.

Metodologia

Nessa segunda etapa da pesquisa, analisei primeiro as revistas específicas de divulgação científica, para depois olhar para as reportagens e matérias de jornais da mídia tradicional. Trabalhei, principalmente, com as revistas Fapesp e Faperj, tendo os seguintes focos de análise: quais são as pesquisas divulgadas; onde são feitas; como elas estão sendo faladas; quais especialistas são chamados para comentar; qual a composição deles em termos de gênero e raça; que metáforas são mobilizadas para traduzir as células; como as mesenquimais são apresentadas em comparação com as demais células-tronco; de onde vêm as matérias primas para as pesquisas e como os cientistas justificam a importância da pesquisa.

Partindo de uma primeira análise desse material, incluí no título do projeto submetido e aprovado a ideia de “temporalidades agenciadas”, por ser esta a forma como a mídia veicula as mensagens de esperança de cura com os tratamentos que se tornariam possíveis a partir das pesquisas realizadas. Além disso, as emoções mobilizadas pelas doenças, e as (im)possibilidades de tratamento e cura eram também afetos mobilizados nas reportagens, que esperamos encontrar na atual releitura do material. É também a partir da ideia de pensar os agenciamentos e mobilizações que tendo compreender como o sangue menstrual tem sua ausência marcada nos laboratórios e materiais de divulgação científica.

Minha pesquisa se desenvolveu durante o caos social que o Brasil, que vive a crise sanitária mundial sob um governo neofascista, experiencia. Portanto, foi atravessada por esse contexto. Esse momento impacta meu olhar para os materiais assim como complexifica o debate sobre divulgação científica e sobre o corpo na antropologia. É bastante angustiante e desafiadora a experiência de pensar a ciência por uma perspectiva crítica em um cenário de total desprezo e destruição das instituições científicas. Uma reação comum, que percebi em outras pessoas que também partilham dessa tarefa, foi uma retração e paralisação diante do absurdo. Uma paralisação cautelosa que se perguntava: será que esse é o momento de criticar os limites e vieses das ciências e suas propostas comunicativas?

Acho que esse primeiro momento de cautela foi importante. Foi um momento de escuta. Um ato analítico primordial para o trabalho antropológico. A partir dessa escuta foi possível perceber a remontagem de um movimento comum do discurso científico, quando ele se vê ameaçado politicamente. Entre 2005 a 2007 cientistas e religiosos travavam embates políticos acerca do uso de células tronco embrionárias em pesquisas científicas. Em 20 de abril de 2007, foi realizada a 1ª Audiência Pública no STF, para analisar a Lei de Biossegurança e a utilização de células-tronco de embriões humanos em pesquisas científicas, Daniella Farias (2009), percebeu que os/as cientistas, por meio de uma série de intervenções discursivas apresentavam a ciência “como uma entidade ‘em si’, uma instituição universal, acima da história, cujo lugar de transcendência fora obtido pelo seu poder de persuasão junto ao público, em relação a propriedade de um Real há muito mitificado”. (FARIAS, 2009, p.257)

É possível perceber que o cenário da comunicação científica, pelo menos na comunicação de massa, remonta essa estrutura discursiva que tenta travar os embates políticos por meio da imposição de uma racionalidade instrumental, que tenta determinar – traduzir – a produção de sentidos possíveis para o vírus, para os corpos e para os tratamentos. O que se repete também é o desejo de transformar esses corpos, vírus e tratamentos em objetos sem si, apartados de uma construção ou de uma performatividade científica que controla as interpretações possíveis sobre o real.

Dessa forma, atravessado pelo contexto em que vivemos, ao olhar para as revistas de divulgação científica, me interessa pensar quem controla as interpretações de nossas fronteiras corporais (Haraway, 1985). Nesse sentido, tenho tentado seguir um caminho distinto das reflexões bioéticas acerca das células-tronco, visto que elas, apesar de interessantes, tendem a construir suas elaborações acerca do “certo” e do “errado”, no sentido de perceber como se conhece o que se conhece (Luna, 2011).

As disputas políticas, e os agentes que as performam, fazem parte da própria construção das células-tronco como “fatos científicos” (Latour; Woolgar, 1997. Latour, 2000). São nessas disputas que eu tento perceber, não o que as células ou o sangue menstrual “são”, mas como elas e ele são performadas nos laboratórios, nas revistas específicas de divulgação científica e nos grandes jornais.

Nosso objetivo com isso é “pensar como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (Haraway, 1995). O olhar para os artigos e para as reportagens, então, longe de ser um olhar sem viés ou descorporificado, mas um olhar atravessado pelas críticas feministas da ciência, incluindo nessas críticas os trabalhos anteriores sobre as células tronco originadas a partir do sangue

menstrual desenvolvidos pela professora Daniela Tonelli Manica. Minha investigação surgiu inicialmente como parte da pesquisa “**Corpo, gênero e tecnociências: as ‘células-tronco’ do sangue menstrual**” (Fapesp - (18/21651-3) em desenvolvimento no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor/Nudecri/Unicamp), e coordenada pela Daniela Manica.

Resultados e Discussão

Um primeiro resultado importante desta pesquisa se deu no período final de minha antiga investigação e início desta nova, em que eu estava bastante empenhado em reler os livros de divulgação científica escritos pelas pesquisadoras Lygia da Veiga Pereira (2013) e Bruna Paulsen e Stevens Rehen (2007). Junto com minha orientadora, Daniela Manica (Labjor - UNICAMP), fizemos entrevistas online com esses autores sobre as pesquisas com células-tronco, suas estratégias de divulgá-las ao público leigo, e a presença/ausência das células do sangue menstrual nessas narrativas. Com os resultados dessa análise, publicamos o artigo *Células-tronco adultas, potências condicionadas e biotecnologias de transformação* (Manica e Pereira, 2021).

Além disso, ao ler as reportagens presentes no acervo das revistas Fapesp e Faperj, separei e organizei, em uma pasta do Google Drive, algumas informações importantes para atender aos objetivos de pesquisa. Além de guiar a análise, esse material será disponibilizado publicamente e poderá também ser utilizado por outras pessoas que decidirem investigar o assunto.

A partir da leitura desses materiais, cheguei em algumas constatações, que mesmo que já fossem esperadas, respondem a certas perguntas, como: quais são as pesquisas divulgadas; onde são feitas; como elas estão sendo faladas; quais especialistas são chamados para comentar; qual a composição deles em termos de gênero e raça. Nesse sentido, pôde-se constatar que a maior parte dos pesquisadores citados e a maior parte dos divulgadores cientistas que escreveram o texto são homens brancos. Todas as pesquisas nacionais apresentadas tinham ou estavam sendo realizadas em instituições localizadas no eixo Rio-SP. A grande parte das instituições estrangeiras citadas se localizavam nos Estados Unidos ou em países europeus.

As matérias sobre células tronco originadas a partir do sangue menstrual compõem uma pequena parte do universo de matérias e corrobora para a constatação de um apagamento dessas pesquisas defendidas em outros trabalhos sobre o tema (Manica; Goldenberg; Asensi, 2018. Manica, 2019. Manica; Pereira, 2021). Esses dados estão compilados em uma planilha ainda em desenvolvimento e que irá compor o meu relatório final de pesquisa.

Em diálogo com pesquisas anteriores sobre o tema, assim como com as entrevistas que eu e a professora Daniela Manica realizamos com pesquisadores que trabalham com células tronco, os resultados parciais das análises sobre esse *corpus* reiteram um “não-lugar” para as pesquisas com células-tronco mesenquimais do sangue menstrual nesses . Pretendemos também discutir como a pesquisa brasileira nessa área se insere na produção acadêmica mundial, percebendo que há uma precariedade marcada por uma lógica colonial nessa inserção, ainda que, também, haja alguma potencialidade nisso.

As justificativas utilizadas pelos cientistas para a realização das pesquisas, e como elas se relacionam com o público-alvo deste material mobilizava noção de “capitalização do futuro” (Oliveira, 2009). Além disso, a partir das metáforas e das imagens empregadas, é possível perceber como as células, o sangue menstrual e o corpo são pensados. Nessa discussão percebo a possibilidade

de um diálogo intenso com o que Donna Haraway chamou de “fetichismo do mapa” e a ideia de que a partir do Projeto Genoma teria sido possível confeccionar um “mapa completo” do funcionamento do corpo

Este nó representa o fruto da mobilização de recursos e da forja de alianças entre máquinas, pessoas e outras entidades, que forçam outras pessoas a passar por aqui, e por nenhum outro lugar. [...] A biologia molecular não apenas afirma ser capaz de decodificar a molécula principal; ela também instala os pedágios para uma grande quantidade de tráfego colateral através da natureza. (Haraway, 1997, p. 164-165, tradução própria)

Diante de todas essas questões, a pesquisa se orientou pelo desejo de contribuir para as discussões levantadas por Karen Barad (2017), Donna Haraway (1995), Deboleena Roy (2018), Bruno Latour (1979), e demais autores dos “Science studies” a respeito da objetividade e da construção de fatos científicos. Esperamos poder contribuir para compreender como a realidade é significada pela ciência, para, assim, podermos pensar outras significações possíveis.

Referências:

- FARIAS, D. Entre o Ser e o Nada: um ensaio de antropologia simétrica sobre os discursos proferidos pelos cientistas e veiculados pela imprensa no processo que levou à aprovação do uso de embriões humanos nas pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife
- HARAWAY, D. 1995. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, número 5, pp. 7-41.
- HARAWAY, D. *Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan©Meets_OncoMouseTM*. London: Routledge, 1997
- LATOUR, Bruno. 1995. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34. _____, 2000. *Ciência em ação : como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Editora Unesp: São Paulo.
- LATOUR, B.; WOOLGAR S. 1997. *A vida de laboratório : a produção de fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- MANICA, D., GOLDENBERG, R.; ASENSI, K. CeSaM, as células do sangue menstrual: gênero, tecnociência e terapia celular. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares, UERJ*, v. 20, p. 93-113, 2018
- MANICA, D., PEREIRA, B. Células tronco adultas, biotecnologias de transformação e potências condicionadas. *ABA publicações*. p. 53-82, 2021.
- PEREIRA, L. V. *Células-Tronco: Promessas e Realidades*. São Paulo: Moderna, 2013.
- REHEN, S.; PAULSEN, B. *Células-tronco: o que são? Para que servem?*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2007.